

Parece que Cabral veio para confundir

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

Homem de princípios, capaz de remar contra a correnteza, certo de que a História um dia lhe fará justiça? Cabeça-dura empedernido e sem visão do processo político, fechado nos limites estreitos de suas concepções? Criatura desprovida de arcabouço próprio e sempre influenciado pelo último diálogo que manteve ou o último livro que leu, incapaz de descontentar a quem quer que seja?

O deputado Bernardo Cabral está sendo enquadrado num desses três modelos, desde a madrugada de ontem, quando conhecido o texto do segundo projeto de Constituição que apresentou ao deputado Ulysses Guimarães, como relator da Comissão de Sistematização. Sem mais aquela, acaba de propor o parlamentarismo para o Brasil, mudando detalhes na proposta anterior, de sua autoria, no que se refere ao sistema de governo. Por ele, o poder será exercido por um primeiro-ministro, chefe do governo, transformando-se o presidente da República, no correr do prazo de um ano, em chefe de Estado, sem poderes para administrar o País. Em compensação, mantém para Sarney e seus sucessores o mandato de seis anos. Todo o ato de governar é transferido ao Congresso, melhor dizendo, à Câmara dos Deputados, a quem o primeiro-ministro prestará contas exclusivas, com uma alteração adicional: as eleições de presidente da República continuam diretas, mas só no primeiro turno. Se nenhum dos candidatos conseguir a maioria absoluta do eleitorado, no dia da votação, o segundo turno será prerrogativa exclusiva de deputados e senadores... Indiretamente, eles escolherão entre o primeiro e o segundo mais votados, naquilo que significará a maior das desconsiderações ao grande compromisso da Nova República, de devolver ao povo o direito de escolher seu governante maior. Governante maior? Nem pensar. O presidente da República se vê transformado em rainha da Inglaterra, não obstante as dezenas de milhões de votos que poderá receber do eleitorado, no primeiro turno.

Em suma, um desastre. Uma solução que conseguiu ficar pior do que as anteriores, parlamentarista ortodoxa numa série de princípios, mas canhestamente conservando parte do fundamento maior do presidencialismo, a metade do processo de escolha do presidente da República.

Era de perplexidade, mas, também, de galhofa, o clima ontem registrado na Assembleia Nacional Constituinte, em Brasília. Bernardo Cabral conseguiu elaborar um sistema de governo que nem de "Roberta Close" poderá ser chamado. No máximo, a esse monstro se dará a denominação de "Madame Satã".

O PMDB deverá recusá-lo, apesar das cortinas de fumaça e até das

hesitações do deputado Ulysses Guimarães, quando a questão for submetida a voto na Comissão de Sistematização, antes do dia 8 de outubro. O Palácio do Planalto julgou-o lamentável, estando o PFL dividido e os demais partidos em estado de catalepsia.

Por que terá o relator insistido e piorado as fórmulas até então em debate? Deve saber, que, assim não vai, de modo algum. Se era para propor o parlamentarismo, que tivesse tido a coragem de apresentá-lo por completo, com eleições indiretas de presidente da República desde o primeiro turno e aplicação imediata, sem um ano de transição, onde tudo poderá acontecer.

Fala-se do novo texto Bernardo Cabral na teoria, porque, na prática, ele vai durar pouco. Tal como está, despertará ainda maiores reações, inclusive naquelas múltiplas setoras parlamentaristas que até ontem não conseguiram e não vão conseguir unir-se em torno de um modelo único. Os presidencialistas mais se arremeterão para simplesmente preservar o sistema de governo historicamente consagrado na República. Ficou mais fácil derrubar a aberração, tamanha a sua falta de sintonia com a realidade, a experiência e as tradições. E mais o risco que traria para as instituições, caso hipoteticamente aprovado.

Tudo passa, desde ontem, a ser uma decisão pelo voto. Os 93 integrantes da Comissão de Sistematização vão optar, agora, apenas entre dois caminhos: adotar o monstro ou deixar as coisas como estão, dentro do presidencialismo clássico. Muitos, inclusive, reagirão à possibilidade de dar maiores poderes ao Congresso.

Vale repetir, o projeto Bernardo Cabral é um desastre, no que se refere ao sistema de governo. Acaba de produzir um bicho com pés de pato, rabo de jacaré, asas de morcego, tromba de elefante e orelhas de burro. Mais do que inaplicável, representa um passaporte para o caos.

Se era para chegar à uma conclusão assim depois de tanta conversa, diálogos os mais variados e promessas sem fim para todos a quem recebeu, melhor teria feito o parlamentar pelo Amazonas, em declinar das honrosas funções de relator da Comissão de Sistematização.

Não se diz estar definitivamente resolvida a questão depois de submetida ao voto dos integrantes da Comissão de Sistematização. O mais provável é que rejeitem a fórmula Bernardo Cabral, mas, se não o fizerem, a decisão final ficará para o plenário da Assembleia Nacional Constituinte, em dezembro. Por isso, a dúvida que fica é se o relator não tomou como imagem, para apresentar seu trabalho final, aquele célebre animador de televisão cujo lema permanente é a confusão. Aquele que se apresenta nos vídeos dizendo não estar ali para explicar coisa alguma, sendo para confundir...